

O cotidiano de uma escola montessoriana

Joana Freire

Durante a minha graduação tive contato com escolas com metodologias tradicionais que me trouxeram muita frustração pessoal e profissional. Após me formar comecei a procurar escolas que tivessem uma metodologia diferente de trabalho na educação infantil. Consegui uma oportunidade em uma escola montessoriana e pretendo refletir sobre o corpo e o movimento das crianças nesta escola.

A proposta metodológica logo me fez sentir realizada: aqui o aluno tem vez, aqui ele é o sujeito de seu próprio conhecimento, aqui o que o guia é seu desejo e não o livro didático, aqui o professor é o mediador e não condutor do conhecimento, aqui há um olhar para cada criança.

Sendo assim, acredito que em uma escola montessoriana como a que eu trabalho existe uma possibilidade maior de aconchego do corpo da criança. O controle do corpo não é tão exacerbado, pois a criança tem a liberdade de circular pela sala e pelo espaço escolar com propriedade.

É a criança quem decide o que vai produzir: ela poderá escolher dentre várias opções de atividades qual é a de seu interesse naquele momento.

Recentemente participei de um congresso em que, entre outras coisas, mostrei as seguintes fotos:



Ao final da minha apresentação, escutei a seguinte pergunta: “Como você consegue trabalhar assim? Acho que eu ia ficar maluca e pediria que todas as crianças sentassem e fizessem apenas o que eu mandasse”. O questionamento era em relação à possibilidade de livre escolha que acaba produzindo cenas como estas acima. Pode-se observar que há sempre crianças andando de um lado para outro, pulando e etc. Não há um corpo imobilizado, controlado pela vontade de um adulto. Acredito que *precisamos superar nossa obsessão pelo controle do corpo* (Tiriba, 2001, p. 07).

Em minhas leituras dos livros de Montessori, não encontrei referência ao corpo e ao movimento das crianças em sala. Porém, como era comum à época, Montessori fala bastante em normalização e controle, deixando a impressão de que as crianças, apesar da livre escolha, eram bastante controladas pelas educadoras. Também pude concluir que as próprias crianças eram mais contidas em seus movimentos, fato que

atribuo à cultura da época que acabava por querer fazer da criança um mini adulto, preparando-a para a vida e não aproveitando a infância em sua plenitude.

Por isso, penso que o trabalho com o método montessoriano só é possível atualmente se partimos de uma reflexão sobre a época e se não levamos tudo ao pé da letra, pois é necessário contextualizar e atualizar o método montessoriano. Afinal, acredito que utilizando o método criteriosamente podemos subverter *"rotinas escolares que são alienadas em relação às vontades do corpo, às suas mais elementares necessidades de respirar profundamente, alimentar-se sadiamente, dormir bem, relaxar, não fazer, não pensar"*. (Tiriba, 2001, p. 6).

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *"Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil"*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MONTESSORI, Maria. *"A Criança"*. Brasil: Portugalia, s/d.
- TIRIBA, Léa. *"O corpo silenciado"*. In *A pele é a raiz cobrindo o corpo inteiro – As linguagens do corpo. Boletim Programa Salto para o Futuro, Serie Linguagem e sentidos, TV Escola, agosto de 2001, p.15-21, mimeo.*

sobre o(a) autor(a):

Joana é educadora na Casa-escola Pequeno trabalhador – PETRA e especialista em Educação Infantil pela PUC/RJ no curso "Educação Infantil: Perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas".